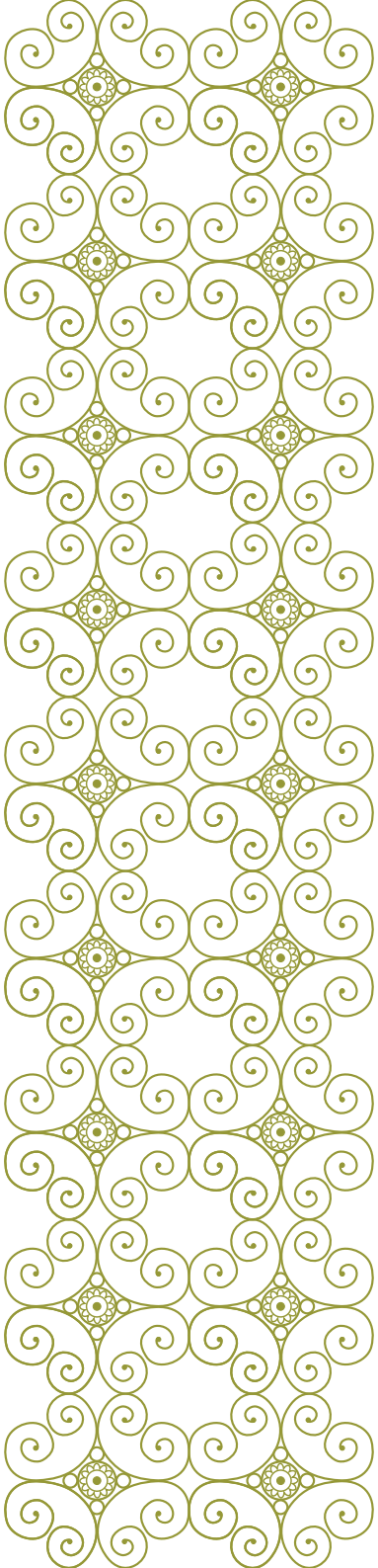
Rua das Árvores

Proposta de Documentário



“A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas".

João do Rio

a.
Visão Original
(justificativa)

Assim como tantas cidades latino-americanas, Maceió hoje sofre os efeitos de um processo de urbanização agressivo. Um "desenvolvimento" que transforma memórias em escombros de demolição. Oprimido pelos símbolos do progresso, o aspecto humano é submetido a diversos tipos de violência, desde o alarmante número de homicídios que torna Maceió uma das capitais mais violentas do mundo, a violência cultural que varre os vestígios do passado. Um dos sintomas mais perceptíveis desse processo pode ser notado no modo como a cidade se relaciona com seus espaços urbanos. Praças e coretos que já foram grandes centros de convivência hoje estão abandonados. Ruas e bairros que há alguns anos eram sinônimo de tranquilidade se tornaram lugares inviáveis para moradia. Um grande símbolo dos efeitos da urbanização na cidade é a Rua Augusta, no centro de Maceió. Conhecida como Rua das Árvores por causa da presença de grandes oitizeiros em toda a sua extensão, assim como diversas outras ruas do centro o logradouro passou a agregar endereços comerciais. Um a um eles tomaram o lugar das residências, em sua maioria construções do início do século 20 que tiveram suas fachadas descaracterizadas - quando não toda a sua estrutura demolida. Se o processo de desenvolvimento é tido como inevitável, também se faz necessário refletir sobre os impactos sociais que ele causa. O documentário Rua das Árvores toma como estudo de caso a história da última família que viveu na rua para revelar os reflexos das transformações da cidade no cotidiano de seus habitantes. Trata-se de um registro urgente, já que a casa deixada por eles foi vendida e está prestes a ser transformada num estacionamento. A idade avançada dos personagens (Seu Gino tem 90 anos e Dona Creuza 85) também não pode ser ignorada. Testemunhas das mudanças sociais, culturais, econômicas e arquitetônicas que Maceió viveu nas últimas décadas, eles possuem uma visão privilegiada para narrar o sentimento de viver na cidade.

Seu Gino, Dona Creuza e seus dois filhos mais velhos. Fotografia da década de 50.

b.
Proposta do documentário
(argumento)

Poucos podem falar com mais autoridade sobre os transtornos da vida contemporânea como o casal Creuza e Gino. Nascidos na primeira metade do século passado, ao se casarem nos anos 1950 eles se estabeleceram num antigo palacete herdado dos avós de Creuza. Construído na primeira década do século XXI, o prédio inspirado na arquitetura europeia foi projetado para acomodar uma família grande com aconchego e tranquilidade. Localizada na Rua Augusta, no centro de Maceió, na época a casa era cercada por vegetação. Com o passar dos anos a rua viu seu entorno ser ocupado pela atividade comercial e, aos poucos, perder as características residenciais. Mas por ser a única grande alameda da cidade com seus frondosos Oitizeiros, ainda mantinha um aspecto agradável até que os transtornos trazidos pelo "desenvolvimento" aos poucos tornaram a moradia inviável. O barulho, a violência e a sujeira foram avançando cada vez mais. O tráfego afetava as bases da casa, causando a necessidade de constantes reformas. No entanto a renda da família, em maior parte proveniente do aluguel de quartos do prédio anexo a casa, já não permitia altos investimentos. Ainda assim, mesmo diante de tantos contratemos, o casal insistiu em morar na casa da Rua das Árvores enquanto foi possível. A última família a viver no lugar vendeu a residência no início de 2013. Gino e Creuza hoje vivem com a filha, e o prédio, a que tudo indica, será demolido para a construção de um estacionamento. Ainda inteira aguardando a reforma, a casa estampa as marcas do tempo em todos os seus cômodos. Sua deterioração reflete a decadência daquela rua e ajuda a traduzir o efeito do tempo na trajetória de um casal que foi obrigado a deixar uma habitação onde viveu por cerca de 60 anos.

A antiga casa da família Britzky em 2013.

c.
Eleição e descrição dos objetos

A casa

Empresário bem sucedido, na primeira década do século 20 o tipógrafo baiano Apolônio Protásio Trigueiros ergueu a residência para dar de presente a sua amante. Ele conheceu a costureira ao encomendar ceroulas e se apaixonou por ela. Ao receber a proposta do empresário para manter um relacionamento, a costureira impôs, entre outras condições, que Apolônio lhe construísse duas casas: uma para que ela morasse com a mãe, e outra para ser alugada e garantir uma renda mensal. Também exigiu que a habitação não tivesse grandes proporções, para evitar o trabalho de manutenção. Na época da construção a região ainda possuía ares de sítio, cercada por vegetação e alguns poucos casebres. Parte do material, a exemplo dos portões, veio da Europa. Seguindo um modelo arquitetônico bastante utilizado no período, a casa possuía diversos quartos, salas, escadarias e um amplo quintal. Dona Creuza ainda se lembra dos nomes das famílias que moravam nos antigos palacetes da rua. O casal morou em Natal e no Rio de Janeiro, e voltou em 1976 para morar definitivamente na casa. Dois dos oitizeiros da rua foram plantados por Gino e Creuza. No período em que o casal estive fora de Alagoas a casa foi alugada a parentes. Ao retornar, no final dos anos 1970, Gino realizou diversas reformas alterando sua arquitetura original. Atualmente a casa está fechada e aguarda a reforma que será feita pelo novo proprietário para transformar o terreno num estacionamento.

As casas construídas por Apolônio Protásio Trigueiros . Fotografia da década de 50.

A rua

Extremamente comercial e sempre muito movimentada, a Rua Augusta, mais conhecida como rua das árvores, já foi um caminho público composto apenas por residências e moradores pacatos. A planta das ruas do Centro de Maceió foi feita em 1820, por engenheiros franceses, quando o bairro era considerado nobre e sem pretensão de extensão para o comércio. Muito do mesmo traçado europeu daquela época permanece: sem alargamento, pontes ou viadutos. Ainda no final do século XIX, o centro de Maceió já sofria alterações urbanas e arquitetônicas. Um conjunto de transformações espaciais foi acontecendo de forma lenta e gradual – devido às dificuldades de gestão da Província. É com o advento da República que o desejo de inovar e marcar a cidade com uma visualidade moderna, irradiada pelo Ecletismo, vai ganhar maior amplitude, trazendo assim modificações no espaço construído de forma mais intensa. Contudo, infelizmente, o aspecto original foi se transformando para a realidade que conhecemos hoje, onde lojas descaracterizam suas fachadas, colocando portas de ferro e marquises de concreto, deixando transparecer ainda algumas traços da arquitetura do final do século XIX e inicio do século XX.

Rua Augusta na década de 20. [Foto de Antenor Pitanga]

Rua Augusta em 2013.

Personagens

Dona Creuza

Creuza Trigueiros Lins tem 85 anos recém completados. Nascida numa residência na Rua do Apolo, em Maceió, grande parte dessa longa jornada foi vivida sob o teto da casa da Rua das Árvores, para onde se mudou quando casou com Seu Gino. Mesmo tendo uma formação erudita e com o sonho de ser cantora de rádio, assim como a maioria das mulheres de sua geração Creuza dedicou a vida a cuidar do lar e da família. Órfãs desde os dez meses, ela herdou a casa de seu avô. Amante do rádio, durante muitos anos trocou correspondências com a Voz da América e com uma rádio holandesa. Apesar de ter passado tantos momentos na casa da Rua das Árvores, Dona Creuza se lembra do período com certo rancor. A mágoa vem tanto do casamento que lhe impôs um cotidiano difícil quanto da própria habitação, nos últimos anos afetada pelo barulho e pela sujeira da rua que se tornou um das vias mais movimentadas do centro da cidade. Sua memória mais vibrante é a de uma viagem que fez ao Rio de Janeiro de navio em 1949, quando ainda era solteira. Queixa-se das mudanças na arquitetura da cidade, a destruição dos coretos - como o da praça dos Martírio, onde namorava com Seu Gino - as praças e os prédios de arquitetura Belle Époque. Lembra-se com nostalgia das matinês do Cine Rex, Lux, Ideal e Capitólio. Recorda-se de Frank Sinatra cantar pela primeira vez na Voz da América. Dona Creuza ainda guarda cadernos com letras das músicas em inglês, e no fundo ainda preserva uma certa frustração por não ter realizado seus sonhos.

Seu Gino

Antônio Gino Britzky nasceu em Rio Claro, no interior de São Paulo. Filho de um fazendeiro, ele se mudou para a capital a procura de emprego. Logo foi contratado como mecânico numa usina. Em expansão, a empresa convidou o jovem funcionário para integrar a equipe de sua unidade em Maceió, capital de Alagoas. Gino aceitou o desafio, mas antes de embarcar decidiu saber sua sorte. Consultou uma cigana (o momento está registrado em foto) que leu sua mão e sentenciou: na viagem ele encontraria o amor de sua vida e se casaria. Na capital alagoana, belo e solteiro, Gino não demorou mesmo a cumprir a previsão da cigana. Conheceu Dona Creuza quando saia da Usina com um grupo de homens. Ela estava na porta de casa (Gino estava hospedado numa pensão familiar localizada na mesma rua). Os dois foram apresentados por uma conhecida. Naquela tarde conversaram por algum tempo na esquina e ele perguntou se poderia voltar no dia seguinte. Quinze dias depois ele a pediu em namoro. No começo houveram muitas críticas ao fato de um moça de família namorar um rapaz paulista de origem desconhecida, fofocas que ela diz ter ignorado. Se passaram dez meses entre o namoro e noivado e casamento. Pelo fato de Creuza ser filha de um famoso ocultista, os padres da época se recusaram a realizar o casamento. Por isso a cerimônia foi feita em casa e celebrada pelo Cônego Tobias, um sacerdote próximo da família e dono de ideias liberais. Enquanto trabalhou na usina Gino foi transferido algumas vezes, e chegou a morar em Natal e no Rio de Janeiro, até se aposentar e retornar para a casa. Assim como dona Creuza, em diversos aspectos a história de Gino se confunde com a história da cidade. Ele veio para Maceió junto com o desenvolvimento trazido pela expansão da energia elétrica. Entre outros fatos curiosos de sua trajetória, ele foi encarregado de desativar o último bonde que circulava pelas ruas do centro.

d.
Estratégia de abordagem

O documentário Rua das Árvores terá sua narrativa dividida em dois blocos principais. O primeiro vai se concentrar na memória afetiva de Creuza e Gino. Por meio das entrevistas eles irão narrar os tempos nostálgicos, rememorando os primeiros anos vividos na casa, o nascimento dos filhos, a plantação das árvores da rua, o fascínio pela cultura e pela arquitetura típicas da época. Esse passeio pelo passado será ilustrado principalmente com o rico acervo de fotos da família, e também com imagens que serão obtidas em pesquisa. As fotos serão vistas sempre em suas molduras originais (muitas delas deterioradas), ou nas mãos dos personagens. Ainda nesse primeiro momento a câmera percorrerá os "vazios" da casa, atualmente inabitada, em busca dos vestígios deixados pela ação do tempo. Cobertas pelo off das entrevistas, as imagens mostrarão as texturas das paredes descascadas, as janelas e portas arrancadas, objetos pessoais abandonados durante a mudança, eventuais bichos que circulam pelo ambiente e especialmente uma planta que cresce em meio ao concreto. No plano sonoro, apenas o som das memórias preencherá aqueles espaços. A narrativa irá evoluir a partir do momento em que o relato alcançar os primeiros transtornos que a movimentação da rua começa a causar na vida do casal. A partir dai o plano sonoro será invadido pelos sons da rua. Ruídos, vozes, sirenes, batidas, sons de carros, música, publicidade. Até então estáticos, os planos começam a ganhar movimentos. Pequenos inserts de flagrantes da rua também invadem a casa. Nesse segundo bloco, as imagens do passado darão lugar as feições dos personagens, que finalmente se mostram, com suas inevitáveis marcas do tempo. Ao passo que os relatos se agravam, a agonia sonora irá se intensificar até atingir o clímax, quando, num plano sequência, a câmera deixará o interior da casa para percorrer a rua, revelando todo o seu caos visual, sua sujeira e poluição sonora. Em contraste com a primeira cena do filme, em que será vista uma planta brotando do concreto no interior da casa, a última imagem será um plano aéreo que mostrará o contraste do verde da Rua das Árvores em relação ao cinza do entorno.

Equipe técnica

DIREÇÃO, ROTEIRO E DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Alice Jardim

Realizadora audiovisual, fotógrafa, designer, cineclubista e arquiteta urbanista graduada pela Universidade Federal de Alagoas (2007). Integra o coletivo de experimentação audiovisual Tela Tudo.

Integra o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (UFAL), onde coordena o núcleo audiovisual do Laboratório de Criação Taba-êtê, responsável pela realização de documentários e outros produtos audiovisuais acerca de patrimônio imaterial e paisagens urbanas. Coordenou e elaborou o material audiovisual exibido nas exposições "Digitais Urbanas: onze anos de Estudos da Paisagem" (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - 2009) e "Gesto" (Pinacoteca UFAL - 2010).

Através da Organização Cultural Ideário coordenou o projeto e co-dirigiu, com Lis Paim, a ficção "Maré Viva" (2011), que aborda a temática urbana a partir da relação entre o homem e a cidade. Ainda na Idéario, em 2011, fez a direção geral e de fotografia de quatro documentários etnográficos de curta duração, realizados para o Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – PROMOART.

Em 2012 iniciou sua atuação como instrutora em atividades de formação audiovisual, como a Oficina de Microvídeos, realizada pelo SESC Alagoas no 2º Festival de Cinema de Penedo (2012). Ministrou o módulo "Filmando e Editando", nas edições 2012 e 2013 do Ateliê SESC de cinema, junto a Glauber Xavier.

Participação em Mostras:

- "Em Obra" (vídeo experimental, 2010) recebeu uma menção honrosa, na 2ª Mostra Sururu de Cinema Alagoano (2011);
- "Todavia" (documentário, 2011) foi premiado com o 1º lugar na Mostra Competitiva Nacional do Festival Arte.Mov 2012, em Belo Horizonte, exibido no festival Hong Kong International Mobile Film Awards – HKIMFA e recebeu menção honrosa na 3ª Mostra Sururu de Cinema Alagoano, realizada em outubro de 2012;
- "Tempo" (vídeo experimental, 2010) foi finalista Mostra Competitiva Nacional do Festival Arte.Mov 2012 e recebeu do festival menção honrosa;
- "DOBRA" (exposição multimídia, 2012) foi sua primeira exposição individual de fotografia e vídeo, realizada na Pinacoteca Universitária da Universidade Federal de Alagoas;
- "Criatura" (videodança, 2013), realizada em parceria com Nivaldo Vasconcelos e Carolina Brandão, foi selecionada para a Mostra Internacional de Videodança - Dança em Foco 2013.

alicejardim@gmail.com | www.alicejardim.art.br

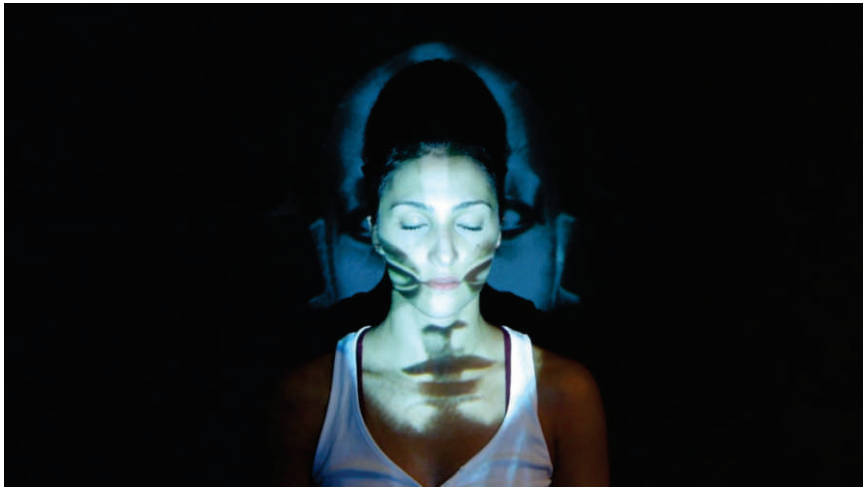
PORTFÓLIO ALICE JARDIM

VIDEODANÇAS

Zoé | 7'35'' | 2013

Sinopse: Dançar a dança da cidade é propor discutir ou simplesmente sentir a beleza que se esconde por trás das sombras, do tráfego do trânsito, do barulho que se faz música, do vento que dança nas saias, nos cabelos, nas árvores e dentro da gente.

Atuou como co-diretora, co-roteirista, diretora de fotografia e co-montadora. Um filme de Alice Jardim, Carolina Brandão e Nivaldo Vasconcelos.



Criatura | 6'50'' | 2013

Sinopse: As amarras invisíveis se derretem e a mulher está pronta para a metamorfose.

Atuou como diretora de fotografia, co-roteirista e co-montadora. Filme de Alice Jardim, Carolina Brandão e Nivaldo Vasconcelos selecionado para a Mostra Internacional de Vídeodança - Dança em Foco 2013.

DOCUMENTÁRIO EXPERIMENTAL

Todavia | 2'22'' | 2012

Sinopse: Entre vias e transformações, um organismo vivo. A cidade a partir de outro olhar - cenas urbanas triviais - delineando geometrias imaginárias que entrelaçam fluxos reais.

Todavia é uma produção autoral, executada em parceria com o Laboratório de Criação Taba-êtê. Teve assistência de direção e fotografia de Luisa Estanislau, com trilha sonora da música ''Treinando para ser Chuva'' da banda Constantina.

Premiações:

.: 1º lugar na mostra competitiva nacional da 6ª edição do Festival Vivo Arte.Mov (2012), em Belo Horizonte;

.: Menção Honrosa na 3ª Mostra Sururu de Cinema Alagoano (2012).

Exibições em Mostras e Festivais:

.: Exibido no festival Hong Kong International Mobile Film Awards – HKIMFA (2012);

.: Exibido no SESC TV como parte da programação da mostra IMAGEM-CONTATO, durante a Mostra SESC de Artes 2012, em junho;

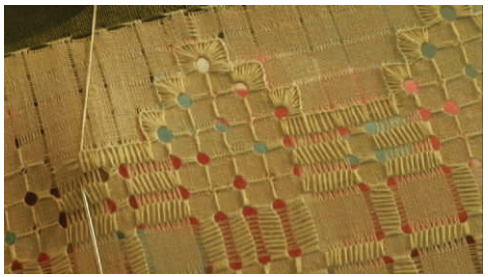
.: Exibido durante a exposição fotográfica e videográfica DOBRA na Pinacoteca Universitária da UFAL (maio a julho, 2012);

.: Exibido na 6ª edição do projeto ACENDA UMA VELA, nas sessões de Maceió, nas praias de Riacho Doce e Ponta Verde.

DOCUMENTÁRIOS ETNOGRÁFICOS

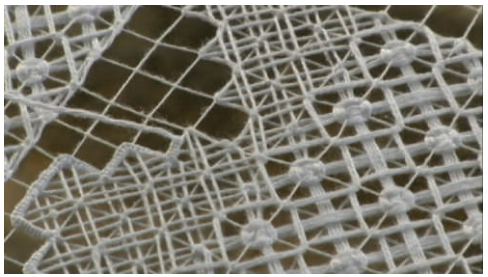
Em 2011, através da organização cultural Ideário e com a co-realização do Tela Tudo Clube de Cinema, foram produzidos quatro documentários etnográficos de curta duração para o Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – PROMOART. Foi responsável pela direção geral, direção de fotografia e som direto dos curta-metragens.

Boa noite
6'30'' | 2011



Do Barro à Louça
6'30'' | 2011

Filé e Singeleza
6'30'' | 2011



Barro do Muquém
6'30'' | 2011

VÍDEOS EXPERIMENTAIS

Em Obra | 3'50'' | 2010

Sinopse: Como se constrói um olhar?

Em Obra é uma produção independente, com trilha sonora da música ''Arcabuz'' (Labirinto).

.: Menção Honrosa na 2ª Mostra Sururu de Cinema Alagoano (2011) pela criatividade e maneira inventiva de registrar o cotidiano.

.: Exibido na Mostra de Vídeo-arte que ocorreu durante as exposições Gesto e Paisagem (2010), na Pinacoteca Universitária (UFAL).

Tempo | 2'34'' | 2010

Sinopse: Sinopse para o tempo.

Tempo é uma produção independente, com trilha sonora da música "Snookered", de Dan Deacon.

.: Finalista na 6ª edição da Mostra Competitiva Nacional do Festival Vivo Arte.Mov (2012), recebendo menção honrosa.

EXPOSIÇÃO

DOBRA

Fotografia e Vídeo

Cenários urbanos imaginários através da cidade observada como um jogo de reprodução de luz. Maceió dobra, desdobra e se multiplica.

A exposição DOBRA apresenta, em suas fotografias e vídeos, composições que delineiam a cidade a partir das luzes, ilusões montadas com imagens reais.

Nesta primeira exposição individual, a experiência como realizadora audiovisual alia-se à fotografia e à arquitetura para criação de uma série que surge a partir da inquietação pessoal sobre o fenômeno urbano. A cada movimento, combinações variadas, onde a proposta é a abstração dos elementos da cidade apresentados pelo imaginário artístico.

Como parte integrante desta exposição está o vídeo TODAVIA, premiado com o primeiro lugar na Mostra Competitiva Nacional do Festival Vivo Arte.Mov 2012.

DOBRA esteve na Pinacoteca Universitária, da Universidade Federal de Alagoas, de maio a julho de 2012.

EXPOSIÇÃO

Gesto

Laboratório de Criação Taba-êtê

A exposição apresentou, numa tela, como num caleidoscópio, fragmentos de significados sonoros e visuais, que convidam, a quem acessa a exposição, a construir seu GESTO de coleta frente ao que foi ofertado.

Montada em junho de 2010 na Pinacoteca da UFAL, uma proposta de reformatação da exposição DIGITAIS URBANAS para a comunidade em geral.

EXPOSIÇÃO

Digitais urbanas: onze anos de Estudos da Paisagem

Laboratório de Criação Taba-êtê

Montada em novembro de 2009 nas instalações da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, a exposição se deu em caráter comemorativo pelos 11 anos do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Imagens e sons colhidos das inúmeras comunidades visitadas pelo Grupo e misturados às vozes de membros da FAU, foram manipuladas seguindo a idéia de marcos identitários. Portanto, uma coletânea de expressões das várias categorias oficiais e não oficiais do patrimônio apresentadas com faces pouco reconhecidas e/ou que passam desapercebidas nos movimentos cotidianos. Por esse motivo, a expressão "cidadão de todos os países, derivem", foi o lema, em tom de apelo, escolhido.

Além da exposição em si, houve também a produção de dois vídeos de divulgação do evento disponibilizados no site oficial do Grupo e em meios alternativos de amplo alcance de difusão como a página do YOUTUBE.

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Rafhael Barbosa

ROTEIRO E ENTREVISTAS
Nadja Rocha

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
Nivaldo Vasconcelos

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA
Albert Rego Ferreira

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO
Igor Buarque

DESENHO DE SOM
Marianna Bernardes

SOM DIRETO
Thauana Lorena Magalhães

MONTAGEM
Nataska Conrado

MAKING OF E STILL
Matheus Nobre

PESQUISA DE ARQUITETURA E URBANISMO
Flávia Cerullo

SAUDADE VERDE

Uma saudade verde
(Me sabe a verde
a saudade)
Verde como o oito da sua casa
Um oito deitado
(Infinito de saudade)

Nunca madura nem de vez
Perdura sempre verde
a saudade

Jorge Cooper

Planilha Orçamentária

PREFEITURA DE MACEIÓ CULTURA

PRÊMIO GUILHERME ROGATO
EDITAL AUDIOVISUAL 2013

PLANILHA ORÇAMENTÁRIA

RUA DAS ÁRVORES

1. PRÉ-PRODUÇÃO					
1. EQUIPE					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
1.1	DIREÇAO GERAL	1	1	R$ 500,00	R$ 500,00
1.2	ASS. DIREÇAO	1	1	R$ 200,00	R$ 200,00
1.3	DIRETOR DE PRODUÇAO	1	1	R$ 200,00	R$ 200,00
1.4	PESQUISADOR	1	1	R$ 200,00	R$ 200,00
				subtotal	**R$ 1.100,00**
3. MATERIAL SENSÍVEL					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
3.1	HD EXTERNO	1	1	R$ 300,00	R$ 300,00
3.2					R$ 0,00
				subtotal	**R$ 300,00**
4. SERVIÇOS					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
4.1	COPIA DE ARQUIVOS	50	1	R$ 0,20	R$ 10,00
				subtotal	**R$ 10,00**
5. PRODUÇÃO					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
5.1	TRANSPORTE	1	1	R$ 600,00	R$ 600,00
5.2	ALIMENTAÇAO	20	6	R$ 15,00	R$ 300,00
5.3	EXTRAS DE PRODUÇAO	1	1	R$ 300,00	R$ 300,00
				subtotal	**R$ 1.200,00**
				Subtotal Etapa de Pré-Produção	**R$ 2.610,00**

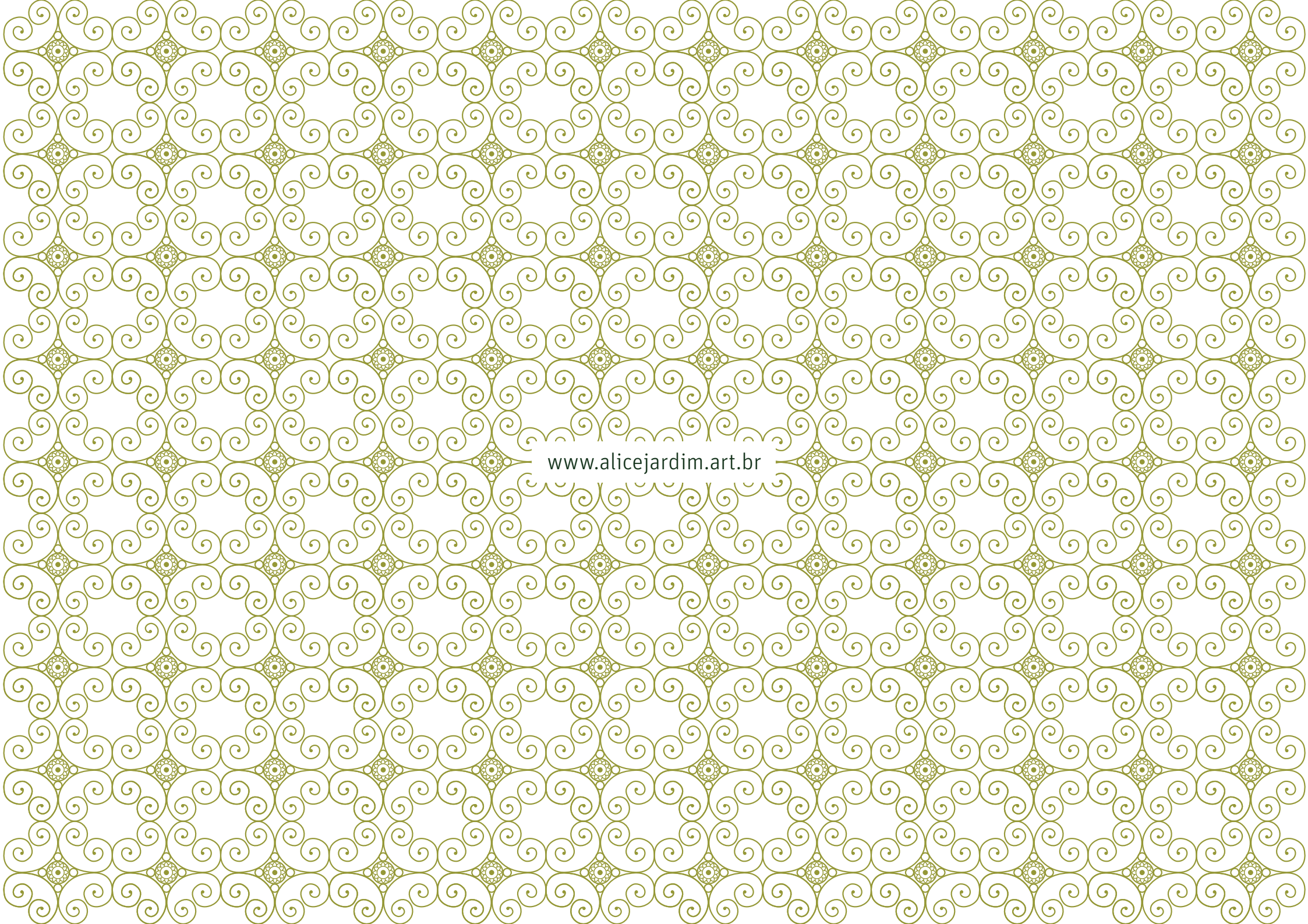
2. PRODUÇÃO					
1. EQUIPE					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
1.1	DIREÇAO GERAL	1	1	R$ 3.000,00	R$ 3.000,00
1.2	ASS. DIREÇAO	1	1	R$ 1.500,00	R$ 1.500,00
1.3	DIRETOR DE PRODUÇAO	1	1	R$ 2.500,00	R$ 2.500,00
1.4	DIRETOR DE FOTOGRAFIA	1	1	R$ 2.000,00	R$ 2.000,00
1.5	ASS. CAMERA	1	1	R$ 1.500,00	R$ 1.500,00
1.6	TECNICO DE SOM	1	1	R$ 1.500,00	R$ 1.500,00
1.7	PRODUTOR	1	1	R$ 1.500,00	R$ 1.500,00
1.8	PESQUISADOR	1	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
1.9	ENTREVISTADOR	1	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
1.10	PERSONAGEM 1	1	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00

1.11	PERSONAGEM 2	1	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
1;12	LOGGER	1	1	R$ 600,00	R$ 600,00
1.8	MAKING OFF	1	1	R$ 600,00	R$ 600,00
				subtotal	**R$ 13.100,00**
2. EQUIPAMENTO					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
2.1	CAMERA	2	1	R$ 700,00	R$ 1.400,00
2.2	LENTES E ACESSORIOS	3	1	R$ 400,00	R$ 1.200,00
2.3	FILTROS	1	1	R$ 300,00	R$ 300,00
2.4	ILUMINAÇAO E MAQUINARIA	1	1	R$ 1.200,00	R$ 1.200,00
				subtotal	**R$ 4.100,00**
4. PRODUÇÃO					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
4.1	TRANSPORTE	1	1	R$ 700,00	R$ 700,00
4.2	ALUGUEL DE HELICOPERO	1	1	R$ 2.500,00	R$ 2.500,00
4.3	ALIMENTAÇAO	60	6	R$ 15,00	R$ 900,00
4.4	EXTRAS DE PRODUÇAO	1	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
				subtotal	**R$ 5.100,00**
				Subtotal Etapa de Produção	**R$ 22.230,00**

3. EDIÇÃO					
1. EQUIPE					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
1.1	COMPOSITOR DE TRILHA SONORA ORIGINAL	1	1	R$ 700,00	R$ 700,00
1.2	EDITOR	1	1	R$ 2.500,00	R$ 2.500,00
1.3	EDITOR DE SOM	1	1	R$ 1.000,00	R$ 1.000,00
				subtotal	**R$ 4.200,00**

5. ADMINISTRAÇÃO					
item	descrição	quantidade	unidade	valor unitário	valor total
1.1	MOTOBOY	1	1	R$ 200,00	R$ 200,00
1.2	TELEFONE	1	1	R$ 400,00	R$ 400,00
1.3	MATERIAL DE ESCRITÓRIO	1	1	R$ 60,00	R$ 60,00
1.4	CORREIO	50	1	R$ 6,00	R$ 300,00
				subtotal	**R$ 960,00**

RESUMO DO ORÇAMENTO	
	Total por Etapa
Etapa de Pré-Produção	R$ 2.610,00
Etapa de Produção	R$ 22.230,00
Etapa de Edição	R$ 4.200,00
Etapa de Finalização	R$ 0,00
Administração	R$ 960,00
TOTAL	**R$ 30.000,00**


www.alicejardim.art.br